



**PUC**

WWW.APROPUCSP.ORG.BR  
PUBLICAÇÃO ACADÊMICA E INFORMATIVA  
TRIMESTRAL DOS PROFESSORES DA PUC-SP

ANO 8 - Nº 30 - ABRIL A JUNHO DE 2007

**REVISTA**

# Violência Urbana

ISSN 1806-3667

## ESTADO DE BARBÁRIE

Neste número da Revista PUCViva, a violência urbana é tratada de diversos ângulos. Mesmo assim, sua abordagem tem uma abrangência limitada, considerando que a violência se espalha em muitas formas por todo tecido social.

No momento em que decidimos enfrentar esse tema, o impacto da ação policial nos morros do Rio de Janeiro repercutia como incêndio, o Brasil se preparava para as festividades dos Jogos Panamericanos e a estátua do Cristo Redentor era eleita uma das maravilhas do mundo. De lá para cá, os acontecimentos confirmaram que o incêndio é gigantesco. Os bombeiros se mostraram impotentes. Ganhou força a tese de que fogo se apaga com fogo. Por outro lado, bombeiros e incendiários comungam a possibilidade de, unidos, fazer retroceder o fogaréu. O plano consiste em aumentar a repressão ao crime e desenvolver programas sociais.

O governo federal concebeu um plano estratégico, com orçamento de R\$ 6,7 bilhões. Estabeleceu-se uma "nova geografia política", que engloba onze regiões metropolitanas marcadas pela violência. Denominou-se Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

A face social desse programa vem no sentido de dizer: temos consciência de que só a repressão policial não resolve a criminalidade. O nível elevado da tragédia atingiu a classe média e transbordou em crise política. A essência do plano reflete o pensamento social de camadas da classe média e de setores da política burguesa de que, se é preciso guerra nas favelas, que se faça guerra.

Em fins de outubro, discutindo controle de natalidade e aborto, o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, declarou que a Favela da Rocinha é "fábrica de produzir marginal". O Ministro da Defesa, Nelson Jobim, enalteceu a política de segurança do Rio de Janeiro: "Não há mais que se falar naquela postura meditativa e acadêmica sobre o crime organizado. Tem que ir para o confronto (...)".

O país está regido por uma política de guerra do Estado. Os fatos indicam que a regra é matar a qualquer preço. Mas, os jovens mortos – muitos por execução – não são o crime organizado. São arrastados à criminalidade pela burguesia narcotraficante – esta, sim, é crime organizado -, que permanece impune, movimentando bilhões de dólares por meio de bancos e negócios "lícitos". E tem ramificação nos governos, parlamentos, judiciários e corpo policial.

A tragédia está em que parte de nossa juventude pobre vem sendo dizimada. A fração burguesa narcotraficante continua enriquecendo. A burguesia em geral se apropria de parte desse enriquecimento. A classe média vê nos favelados seus perigosos inimigos. Brutal contradição. Reflete a desintegração do sistema econômico e social.

É necessário combater a inversão da verdade e sua versão ideológica. A violência urbana é produzida e praticada pela burguesia e seu Estado. O tráfico e o contrabando fazem parte do mercado e das relações de propriedade. O desemprego e a miséria empurram contingentes de jovens para os negócios da fração burguesa narcotraficante. Alta concentração de riqueza e luxuosa vida burguesa; disseminada miséria e carência de tudo. Essa realidade divide e enlaça minoria e maioria.

A favela, como diz o governador do Rio de Janeiro, é fábrica de marginais. Se dissesse que as favelas são fabricadas pela exploração e concentração de capital, portanto pela classe capitalista, então se veria que não é a favela uma fábrica de marginais.

A favela é a parte mais visível do rosto da pobreza e da miséria. Não por acaso, a população favelada, na cidade de São Paulo, em quatro anos, teve um acréscimo de 700 mil pessoas, chegando a 2 milhões. Segundo as autoridades, para reduzir a violência, é preciso, no estado mais rico da federação, atingir uma meta de 300 presos por 100 mil habitantes. Por esse critério, o interior está sendo coalhado de penitenciárias.

O Brasil tem cerca de 420 mil detentos, e os governantes calculam que são necessários mais duzentos e cinquenta presídios. 20% dos homicídios em São Paulo e Rio de Janeiro são praticados pela polícia, uma das taxas mais altas do mundo. As mortes por assassinato, no país, aproximam-se de 50 mil por ano. No Rio de Janeiro, a cada 100 mil habitantes, 45 são assassinados; em Recife, 70; Vitória, 78,3. Em São Paulo, as chacinas marcam o cotidiano das favelas e bairros pobres.

Boa parte dessa barbárie atinge a juventude.

Este número da Revista PUCViva está dedicado à tarefa de elevar a consciência sobre a gravidade da violência urbana e a necessidade de vê-la como produto da decomposição social do capitalismo.

# APRESENTAÇÃO

---

## VIOLÊNCIA URBANA

A Revista PUCviva, neste número, trata da Violência Urbana, que se manifesta de forma diferenciada nos vários âmbitos da vida social, por nós retratados por intermédio das múltiplas violências: de classe, de gênero, de etnia, geracional, que ocorrem no trabalho, nas ruas, nos bairros, na família, nas escolas, no esporte, nas instituições e que se originam das formas de exploração econômica, dominação política e opressão social. As violências que se (re)produzem na vida cotidiana são ancoradas nos aparatos repressivos, coercitivos e ideológicos para manter a violência do capital. Inegavelmente, há um solo sócio-histórico comum da Violência Urbana contido nas expressões da Questão Social, apreendidas como o conjunto das desigualdades, resultantes da contradição entre capital e trabalho, a qual é agravada pelo aprofundamento destrutivo do capitalismo contemporâneo, no século XXI, de internacionalização e financeirização da economia na ordem burguesa consolidada.

A violência do capital, a partir de 1973, no plano internacional, estabelece uma nova ofensiva da violência sobre a classe-que-vive-do-seu-trabalho: o desemprego estrutural, a redução de postos de trabalho, a terceirização, o trabalho polivalente, temporário, sem carteira assinada, informal, subcontratado, por tempo determinado, trabalho infantil e ampliação do trabalho feminino com menor remuneração. Esse processo de precarização das condições de existência da classe trabalhadora é estabelecido por uma nova gestão da força de trabalho denominada “acumulação flexível”.

A lógica destrutiva do capital que recai sobre os trabalhadores e seus filhos é agravada pela cultura da chamada pós-modernidade, que imprime o irracionalismo, o presentismo, o efêmero, o fugaz, o preconceito, o racismo, a xenofobia, a intolerância e o individualismo, que violentam e degeneram substancialmente as relações de sociabilidade humana. O ciclo da violência constitui-se um dos elementos intrínsecos da degradação humana e social dos nossos dias: a alienação se espraia, e a ausência de um projeto classista é saudada pelos apologetas da ordem. O tecido social encontra-se esgarçado em um processo de degeneração das instituições burguesas, num período de decadência ideológica e de regressão histórica face à ofensiva do grande capital sobre a classe trabalhadora.

A Revista é, portanto, um veículo de debate e combate teórico e político a esse estado destrutivo da Violência Urbana. A direção teórica a qual faço referência é a a da totalidade do ser social, na compreensão do processo histórico de produção e de reprodução das relações sociais no capitalismo contemporâneo, em que se (re)produz o ciclo de violências. Vivemos um momento de lutas sociais de resistências no enfrentamento da barbárie social, e setores significativos da Universidade brasileira se somam a estas lutas. O legado histórico de lutas dos setores da Universidade, estudantes, professores e funcionários, contra a ditadura, pela democratização do país e na defesa de direitos sociais remete ao papel histórico da Universidade como direção social, o que requer, neste momento, que a resistência ao capitalismo se some às lutas antiimperialistas e anticapitalistas no horizonte do projeto de emancipação humana. Para tanto, a luta pela autonomia e independência de classe na construção do socialismo expressa-se como uma necessidade e possibilidade de atualidade histórica da classe trabalhadora na luta pela igualdade e pela liberdade em uma sociedade de indivíduos sociais produtores livremente associados.

Nesse sentido, foi extremamente importante contar com professores, estudantes e pesquisadores de núcleos de pesquisa da graduação e da pós-graduação da PUC-SP,

# APRESENTAÇÃO

---

como os núcleos de Violência e Justiça, Pobreza e Desigualdade, Família e Sociedade, e Relações de Trabalho, na graduação da Faculdade de Serviço Social, e Criança e Adolescente, na pós-graduação; o Nu-Sol, da pós-graduação em Ciências Sociais, bem como participantes do projeto de extensão “Refazendo vínculos, valores e atitudes”, professores das faculdades de Psicologia, Ciências Sociais, Direito e Educação Física - da PUC-SP, da USP e da FAMA -, juristas, militantes de movimentos sociais, profissionais de campo, assistentes sociais, psicólogas e jornalistas que atuam cotidianamente com as expressões da questão social no âmbito das políticas e dos movimentos sociais, com produção teórica, acadêmica, política, militante e de atuação profissional nos diversos espaços sócio-ocupacionais. Poder ler os diversos artigos e reconhecer a finalidade social de cada um deles fortalece ainda mais a perspectiva dos projetos coletivos articulados à construção de um projeto societário emancipatório.

A Violência Urbana é tratada nesta revista em situações diversificadas. Todas elas, porém, têm traços de continuidade na análise e na denúncia da perversidade dos ciclos da violência e da desigualdade, explicitados por intermédio de dezesseis artigos que tratam respectivamente de: violência racial, violência e drogadição, violência no esporte, violência de controle sócio-penal, violência doméstica e familiar, mães vítimas de homicídios, situação carcerária, confinamento urbano, violência policial, violência na segurança pública, violência nos padrões de sociabilidade, juventude e ciclo da violência, violência com a população em situação de rua, anarco-abolicionismo penal, direito e violência, crianças e adolescentes - um ciclo de violências: redução da idade penal.

A realidade social, aqui trazida pelas mãos de muitas(os) autoras(es), nos remete a muitas e diversificadas indagações, dúvidas, inquietações, reflexões políticas, acadêmicas, teóricas, metodológicas, éticas, investigativas e organizativas. Todas elas, porém, em uma mesma direção: no sentido de um posicionamento firme para o enfrentamento coletivo da barbárie social em que estamos mergulhados. O trabalho, a política, a cultura, a arte, a educação, as profissões e os partidos classistas podem se espriar como práxis em uma possibilidade e necessidade históricas permanentemente presentes na direção da conquista de padrões civilizatórios fundantes para a conquista da história humana.

Dra. Maria Beatriz Costa Abramides\*

---

\* Coordenadora do Núcleo de Relações de Trabalho da Graduação - Professora da Faculdade de Serviço Social da PUC-SP. Secretária da ALAEITS - Associação Latino-Americana de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Diretora da APROPUC-SPal.

# EXPEDIENTE

**A revista PUCviva é uma publicação acadêmica e informativa trimestral dos professores da PUC-SP, editada pela Apropuc, com tiragem de 1.500 exemplares.**

## DIRETORIA DA APROPUC

### PRESIDENTE:

Priscilla Cornalbas

### Vice-presidente:

Sandra Gagliardi Sanchez

### 1º SECRETÁRIO:

Erson Martins de Oliveira

### 2ª SECRETÁRIA:

Maria Beatriz Costa Abramides

### 1ª TESOUREIRA:

Victoria Claire Weischtordt

### 2º TESOUREIRO:

Carlos Alberto Shimote Martins

### SUPLENTE:

Hamilton Octavio de Souza;

Ivan Rodrigues Martin

### CONSELHO EDITORIAL:

Erson Martins de Oliveira;

Hamilton Octavio de Souza;

Priscilla Cornalbas

### EDITOR GERAL

Erson Martins de Oliveira

### CO-EDITORA

Maria Beatriz Costa Abramides

### EQUIPE DA REVISTA

#### EDITOR:

Ricardo Melani (MTPS 26.740)

#### PREPARAÇÃO E REVISÃO:

Gabriel Kolyniak

#### EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:

MAURO TELES

#### CAPA E ILUSTRAÇÕES:

RICARDO MELANI

APROPUC-SP - Rua Bartira, 407 - Perdizes - CEP 05009-000

Fones: 3872-2685, 3865-4914 • [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br) • [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

# ÍNDICE

---

6

REDUÇÃO DA IDADE PENAL

**DALMO DE ABREU DALLARI**

11

MAIS UMA VEZ...  
A REDUÇÃO DA IDADE PENAL

**MARIA DE LOURDES TRASSI**

17

DIREITO E VIOLÊNCIA

**WILLIS SANTIAGO GUERRA FILHO**

22

VIOLÊNCIA: ALCANCES E LIMITES DAS POLÍTICAS  
DE SEGURANÇA PÚBLICA

**FRANCISCO FONSECA**

29

A VIOLÊNCIA RACIAL NO BRASIL

**DOJIVAL VIEIRA**

35

ANARCO-ABOLICIONISMO PENAL: UMA PROPOSTA PARA  
ESTANCAR A MENTALIDADE PUNITIVA

**ACÁCIO AUGUSTO**

40

VIDA E MORTE NAS RUAS DE SÃO PAULO

**JULIANA ABRAMIDES DOS SANTOS**

46

HOMENS SEM ROSTO: IDENTIDADES PERDIDAS DE UMA  
POPULAÇÃO NO CÁRCERE

**WAGNER HOSOKAWA**

54

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR: UMA DEMANDA A  
SER ENFRENTADA

**LAISA REGINA DI MAIO CAMPOS TOLEDO**

63

A VIOLÊNCIA CONSTITUTIVA DOS PADRÕES ATUAIS DE  
SOCIABILIDADE

**MARISA FEFFERMANN**

69

ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI: TRAJETÓRIAS  
DE VIOLÊNCIAS E DE CONTROLE SÓCIO-PENAL

**MARIA LIDIÚNA DE OLIVEIRA E SILVA**

75

VIOLÊNCIA URBANA: E VIOLÊNCIA NO ESPORTE

**CAROL KOLYNIK FILHO**

82

CONFINAMENTO URBANO EXPRESSÕES DE UMA  
SOCIEDADE ESGARÇADA

**LUZIA FÁTIMA BAIERL**

89

GRITA MENINO E FALA MENINA,  
A VOZ DE VOCÊS É UMA ARMA PODEROSA

**ADRIANA OLIVEIRA ET ALII**

97

A AGUDA FABRICAÇÃO DO MODO DE PRODUÇÃO  
VIGENTE: A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

**MÁRCIA ACCORSI PEREIRA**

104

VIDAS NUAS... MORTES BANAIÍS: UMA CONVERSA DE  
MULHERES SOBRE HOMICÍDIOS

**ISAURA ISOLDI DE MELLO CASTANHO E OLIVEIRA**



## REDUÇÃO DA IDADE PENAL

**Dalmo de Abreu Dallari**

*Prof. Dr. pela Universidade de São Paulo*

### **Crianças e adolescentes: um ciclo de violências**

Os meninos de rua estão cometendo violências. Os meninos de rua estão sofrendo violências. Aí estão duas verdades, duas faces da mesma moeda, que expressam a realidade do Brasil de hoje e que denunciam a existência de uma organização social profundamente injusta. Quem são as vítimas dessas violências? São todas as pessoas que vivem no Brasil ou que passam por aqui, mas são, sobretudo, os próprios meninos e meninas de rua, tanto nos casos em que são estigmatizados nas manchetes dos jornais ou no sensacionalismo da televisão quanto nas situações

em que sofrem silenciosamente as violências, sem despertar reações indignadas, sem motivar alguém a cobrar das autoridades uma providência enérgica e urgente.

No ano de 2005, a ONU, em sua primeira avaliação completa sobre os direitos das crianças e dos adolescentes no Brasil, fez duras críticas à situação existente, e assinalou que, tendo aderido à Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, em 1990, e estando obrigado a apresentar relatórios a cada cinco anos, o Brasil só enviou o primeiro informe em 2003, o que revela a pouca importância atribuída aos direitos da infância e da adolescência e às violências

